

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Dezembro de 2008

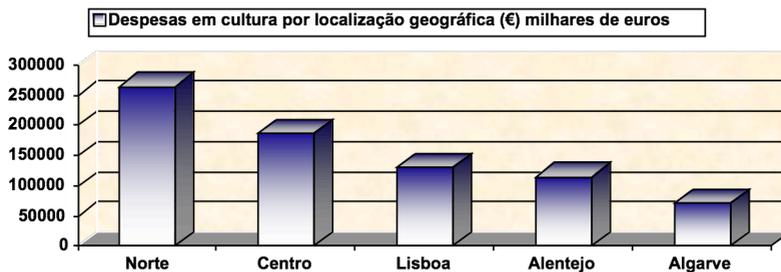
## O TEATRO AMADOR NO ALGARVE UM ESTUDO SOCIOLÓGICO (II)\*

*(...) O que se quer recusar é que, através do livre jogo das leis da reprodução cultural, se perpetue a distância dos dominados face às modalidades mais elaboradas e depuradas da “Grande Cultura” e se restrinja o seu espaço de expressão e afirmação culturais aos códigos da “cultura popular” (...) a pretexto de que só estas estão, “realisticamente”, ao seu alcance (...).*

J. M. Pinto 1994: 774.

Antes de nos dirigirmos para sul, vejamos a relação estatística entre as diversas regiões de Portugal continental, tendo como indicador as despesas em cultura dos municípios em actividades culturais e tendo por fonte o período de referência dos dados do INE do ano 2006<sup>1</sup>.

### Quadro 1:



\* Este artigo corresponde à segunda e última parte de um estudo que começou a ser publicado no *Boletim de Estudos Clássicos* 49 (2008), e apresenta as conclusões da análise sociológica baseada nos dados aí exibidos. Renovamos o agradecimento ao Doutor Francisco Oliveira pela revisão do trabalho que agora se publica.

<sup>1</sup> Estes dados tiveram a última actualização no dia 4 de Março de 2008.

Como podemos constatar, o Norte e o Centro lideram a nível de despesas no âmbito da cultura<sup>2</sup>, que abrange diversos domínios, como música ligeira e clássica, dança, tauromaquia, ópera, variedades e outras, o que não significa que tenha favorecido o teatro amador.

No quadro 2 é ilustrado, por exemplo, o cenário teatral da região algarvia, do ponto de vista quantitativo em 1995:

**Quadro 2: Associações Culturais e Teatro, por região, em 1995<sup>3</sup>**

	Associações de teatro		Espectáculos de teatro realizados	
	Nº	%	Nº	%
<b>Norte</b>	238	42,2	1968	42,1
<b>Centro</b>	140	24,8	1076	23,0
<b>Lisboa e Vale do Tejo</b>	136	24,1	1184	25,3
<b>Alentejo</b>	25	4,4	293	6,3
<b>Algarve</b>	<b>10</b>	<b>1,8</b>	<b>77</b>	<b>1,6</b>
<b>Açores e Madeira</b>	15	2,7	80	1,7

Ainda que estes dados não sejam recentes, sobressai em 1995 uma diferença abismal entre o número das associações de teatro/espectáculos da

<sup>2</sup> Segundo os últimos dados publicados pelo INE (*Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio* 2007:18), o teatro foi a modalidade de espectáculo ao vivo que continuou a apresentar o maior número de sessões (44% do total), com 1,6 milhões de espectadores, aproximadamente onze milhões de euros de receitas de bilheteira e um preço médio por bilhete de doze euros. Contudo, os concertos de música ligeira continuaram a registar o maior número de espectadores (3,2 milhões) e de receitas de bilheteira (32,2 milhões de euros), com um preço médio por bilhete foi vinte e três euros: “As regiões de Lisboa e Norte concentraram respectivamente 40% e 28% do total de espectadores e 65% e 27% do total de receitas.”

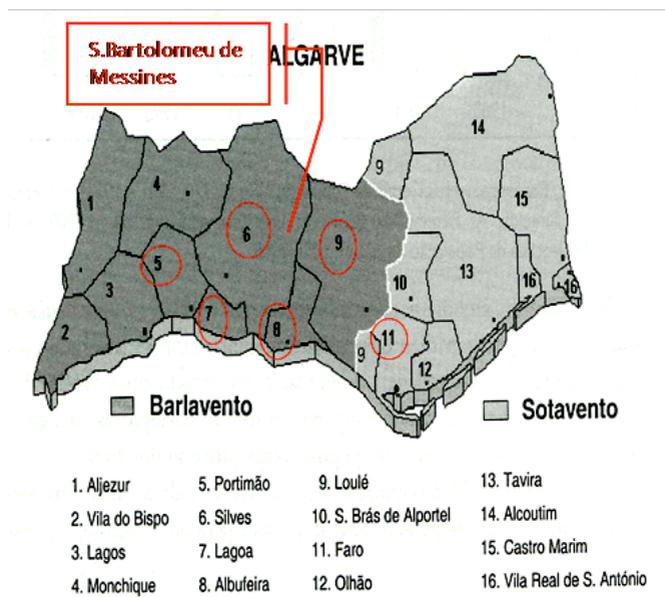
<sup>3</sup> Vide INE, *Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio* 1997, colhido em C. J. Mendonça 2001:131.

região algarvia e das outras regiões do país, já que apenas os arquipélagos da Madeira e dos Açores se lhes podem equiparar.

Note-se que, segundo os últimos dados do INE relativos ao ano 2006, a região algarvia registou o valor mais baixo (c. duzentos e vinte mil euros) no que respeita ao apoio prestado a grupos cénicos, seguindo-se o Alentejo, a zona Centro, Lisboa. A zona Norte regista um investimento de um milhão e cento e trinta e um euros, proporcional ao valor das despesas dos espectáculos teatrais, que ultrapassa os mil e seiscentos euros<sup>4</sup>.

Se notamos assimetrias a nível nacional, também a nível regional são visíveis discrepâncias entre a zona do Barlavento (no sentido Oeste) e Sotavento (no sentido Leste), uma divisão baseada no critério do factor climatérico.

### Quadro 3: Concelhos com grupos de teatro amador (1ª fase)<sup>5</sup>



<sup>4</sup> Cf. *Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 2006*: 91.

<sup>5</sup> Fonte da imagem: Centro de Coordenação Regional do Algarve. Vide C. J. Mendonça 2001: 79.

De acordo com o universo de amostra, a maioria das regiões que apresentam actividade cultural no âmbito do teatro amador pertencem à chamada zona do Barlavento, como Portimão, Albufeira e Silves, sendo Faro e Loulé as excepções. Além disso, acrescenta-se ainda que as duas Câmaras que não responderam, S. Brás de Alportel e Olhão, encontram-se já na zona do Sotavento, e as restantes localizadas nesta área afirmaram não ter qualquer grupo de teatro amador, como foi o caso de Alcoutim, Castro Marim, Tavira e Vila Real de Santo António, apesar de os dois últimos municípios terem, cada um, uma Companhia profissional.

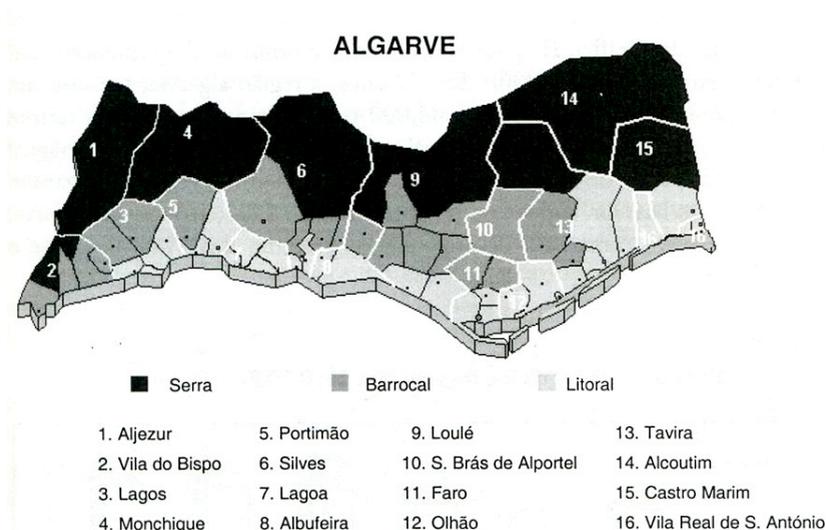
As disparidades entre a zona do Barlavento e do Sotavento algarvio devem-se a factores sócio-económicos, pois o Barlavento é economicamente mais desenvolvido e apresenta uma densidade populacional superior à zona do Sotavento. A diferença da taxa de densidade populacional pode ser explicada pelo desenvolvimento da indústria do turismo na zona do Barlavento, que estimulou a construção de infra-estruturas comerciais e culturais, permitindo aumentar a oferta em função do aumento da procura.

Contudo, também se pode verificar o inverso, pois se quatro Câmaras do Barlavento apresentam no total dez grupos amadores, também é verdade que os três municípios que restam – Aljezur, Vila do Bispo e Monchique – afirmaram não existir qualquer grupo amador nos respectivos concelhos.

Com efeito, a região algarvia, além da subdivisão Barlavento/Sotavento, regista ainda três divisões de cariz geomorfológico: a serra, o barrocal e o litoral.

A divisão que regista maiores assimetrias do ponto de vista económico, sociológico e cultural é estabelecida entre serra/barrocal e litoral, tema aliás muito satirizado pelo Grupo *Boa Esperança* de Portimão.

Os únicos concelhos da região do Sotavento que representam actividade teatral no domínio amador são Faro e Loulé, e o número registado por estes concelhos é igual ao apresentado por quatro autarquias do Barlavento, isto é, dez grupos, sem contar com as Companhias já profissionalizadas, que pelo menos uma, em Loulé, o *Teatro da Estrada*, e são pelo menos duas em Faro.

Quadro 4: Divisões geomorfológicas do Algarve<sup>6</sup>

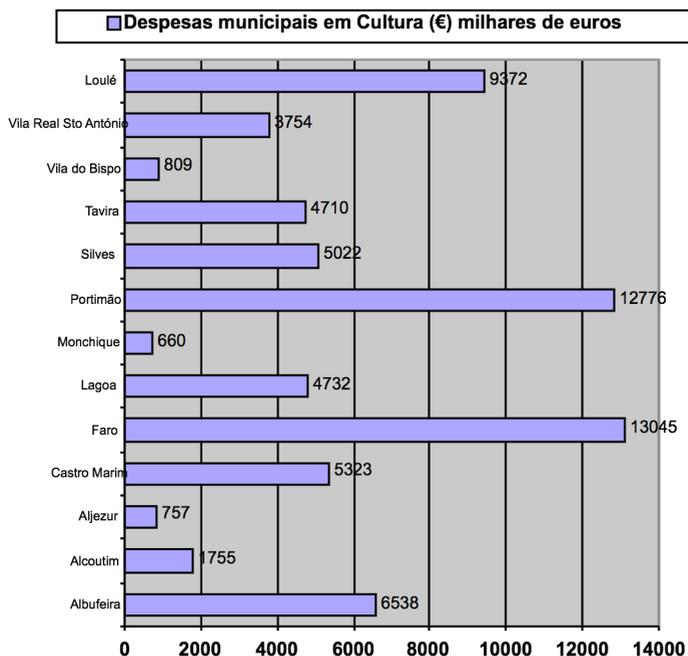
A verdade é que cada um destes concelhos reúne condições especiais para o quadro que apresenta, pois se Faro é a capital do Algarve, Loulé é o maior concelho da região algarvia, o que justifica largos investimentos em actividades de cultura (vide quadro 5). Contudo, tal como indicam os dados estatísticos do INE, este concelho tem uma densidade populacional relativamente baixa, consequência da situação geográfica do concelho, que, além de abranger uma parte da zona costeira, se estende ainda pelas regiões do barrocal e da serra, em geral, menos populosas.

Como se pode constatar, os municípios que se encontram mais no litoral, como Loulé, Portimão, Faro e Albufeira, investem mais em actividades culturais e são também os mesmos que apoiam grupos de teatro amador. As restantes autarquias que se situam no litoral, como Vila do Bispo, Tavira, Vila Real de Santo António e Lagoa, não registam qualquer actividade de grupo de teatro amador; em relação a Castro Marim, Aljezur, Alcoutim e Monchique, além de não contarem com qualquer grupo de teatro

<sup>6</sup> Fonte: Centro de Coordenação Regional do Algarve. Vide C. J. Mendonça 2001: 79.

amador ou profissional, situam-se na zona serrana, sendo a única excepção o município de Silves. Nesta medida, o orçamento que cada autarquia dedica à cultura parece estar directamente relacionado com a actividade do teatro amador em cada região, pois Loulé, Albufeira, Portimão, Faro e Silves lideram no que toca às despesas em actividades culturais, sendo a única excepção a cidade de Vila Real de Santo António que, apesar de apresentar avultadas despesas, dispõe apenas de uma companhia de teatro profissional.

### Quadro 5<sup>7</sup>



Perante este panorama, caso extraordinário é o Grupo *Penedo Grande* de Silves, mais concretamente, de S. Bartolomeu de Messines, Junta de

<sup>7</sup> Esta lista de municípios diz respeito àqueles que participaram na primeira fase da pesquisa, ou seja, que responderam à nossa solicitação, apesar de nem todos os grupos referenciados terem depois respondido. Fonte: INE. Cf. supra n. 1.

Freguesia do concelho. O município de Silves é o único da nossa lista (vide quadro 4) que se localiza quase exclusivamente nas zonas serrana e barrocal, as mesmas que caracterizámos anteriormente como menos privilegiadas para frutificação de iniciativas deste cariz, tendo em conta as motivações de ordem sociológica já apontadas. Com efeito, este município regista uma taxa de densidade populacional relativamente baixa tendo em conta a extensão do município, 678,75 km<sup>2</sup> para uma população de 33 830 habitantes (2001), enquanto que Faro, com uma extensão de 201,31 km<sup>2</sup>, conta 58 051 habitantes (2001). De facto, uma relação inversamente inferior entre extensão territorial e população é sintoma de desertificação populacional.

Nestes casos, as autarquias podem recorrer a algumas estratégias para combater o fenómeno da desruralização, por exemplo através do apoio ao associativismo juvenil.

Às associações são incumbidas as funções de animar, revitalizar e promover manifestações de cultura, com vista à valorização do património e tradições locais, como festas religiosas e outros eventos sociais que visem a preservação de rituais sociais, como o folclore, e religiosos, que parecem condenados ao esquecimento.

Num importante estudo levado a cabo no ano 2000, em muitas autarquias algarvias, foram entrevistados vários presidentes, que consideraram as associações os principais parceiros no que toca à dinamização cultural local. Contudo, o apoio ao associativismo é relativo, isto é, quando se trata de pequenas freguesias do interior, são essencialmente promovidas as pequenas associações de bairro que desenvolvem a actividade na cultura popular, lazer e desporto. Porém, quando passamos para o cenário urbano, as autarquias procuram estimular grupos em áreas da cultura menos popular, como teatro, música e dança.<sup>8</sup>

Nestes casos, verifica-se uma dinâmica inversa à dos centros urbanos, pois nas zonas menos desenvolvidas será necessário criar oferta para haver procura, não só com vista a melhorar a qualidade de vida dos autóctones, mas também por uma questão de democratização cultural, anulando clivagens culturais perpetuadas pela sociedade. Não é por acaso que os grupos das zonas mais interiores afirmam ter como objectivo criar o gosto pelo teatro e educar o público, para que este possa estar mais receptivo a estes eventos.

Ainda que não sejam os mais decisivos, estes factores podem explicar o quadro de Silves. Esta explicação seria melhor sustentada se a nossa amostra

---

<sup>8</sup> Vide C. J. Mendonça 2001: 137.

de grupos desta autarquia fosse mais representativa. Apesar de tudo, há um facto incontestável: de todos os municípios localizados na zona serrana – Alcoutim, Castro Marim, Aljezur e Monchique –, Silves é o único que apresenta actividade teatral de nível amador, bem próximo do nível atingido na cidade distrital.

E acresce-se uma nota estatística interessante: o director do grupo de Silves é o único que se revela satisfeito com as fontes de financiamento, havendo perfeita adequação entre as necessidades e as verbas oferecidas. Contudo, também reconhece a dificuldade em estabelecer o teatro de província, confessando: “Quanto ao futuro é ainda um pouco cedo para se pronunciarem com certezas. (...) A sobrevivência de um grupo de teatro amador de província nunca está garantida. É preciso ter realmente amor àquilo que se faz”.

Colocando agora de parte a subdivisão Barlavento e Sotavento e observando os dados do ponto de vista regional, vejamos as cidades com maior actividade teatral no domínio amador (vide quadros 4 e 5): Portimão, Lagoa, Albufeira, Loulé, Faro localizam-se no litoral, sendo Silves a única excepção a este padrão.

Além disso, convém acrescentar que as cidades com actividade teatral a nível profissional, Tavira e Vila Real de Santo António, também se localizam na zona costeira. Este fenómeno é facilmente explicado através de factores como o êxodo rural em direcção aos centros urbanos, motivado pelo baixo nível de empregabilidade e o crescente envelhecimento da população, notando-se por isso falta de investimento em associações com vista ao desenvolvimento local. Deste modo, o aumento da população urbana estimula o investimento em bens culturais.

As cidades costeiras são precisamente aquelas que registam um índice de densidade populacional mais elevado: Albufeira, Faro, Lagoa, Loulé, Olhão, Portimão e Vila Real de Santo António.

A maior parte dos grupos que participaram na nossa pesquisa fazem parte de associações recreativas locais, como é o caso dos dois grupos mais antigos, o grupo de Portimão, que faz parte do *Boa Esperança Atlético Clube Portimonense*, e o teatro experimental de Loulé, que pertence à *Associação Juvenil 100 Palavras*; acrescem o Grupo *Penedo Grande*, que integra a *Sociedade de Instrução e Recreio Messinense*, o Grupo Cénico Quatro Ventos e o Grupo Amador de Quarteira, dois grupos que parecem ser independentes de outra associação cultural mais lata. Estes dois grupos

encontram-se precisamente em dois centros urbanos do litoral, o primeiro em Albufeira e o segundo em Quarteira, cidades onde as funções normalmente concentradas nas associações culturais estão distribuídas por outros agentes, como cinemas, bares e discotecas, havendo maior solicitação cultural que nos meios rurais.

Invocamos aqui o testemunho de Emílio Campos Coroa (1964: 9), que, contando já com uma longa experiência de teatro amador por ter sido director artístico do Grupo de Teatro de *Círculo Cultural do Algarve*, hoje extinto, fazia justiça ao papel preponderante das Sociedades de Recreio na recuperação do teatro amador: “No que ao papel do Teatro e em Portugal importa nessa recuperação cumpre, antes de mais, salientar a relevante acção das prestigiosas Sociedades de Recreio ou de Instrução e Recreio, que após terem constituído, na segunda metade do século XIX e o primeiro quartel, do século XX, os verdadeiros e únicos centros culturais polarizadores (...)”.

Já no caso dos restantes grupos, a actividade teatral é apenas umas das vertentes desenvolvidas nestas associações que, por sua vez, investem ao mesmo tempo noutros projectos de animação, formação e implementação de planos de intervenção comunitária.

Os dois grupos mais antigos da nossa amostra, o grupo *Boa Esperança* de Portimão, fundado em 1966, e o grupo de Silves, *Penedo Grande*, constituído em 1986, alcançaram um espaço social só conquistável através do tempo e da presença no seio da comunidade, que lhes facultou lenta e tacitamente o direito consuetudinário de serem ouvidos e respeitados. Os presidentes dos dois grupos testemunham, com efeito, duas situações semelhantes que reflectem bem a influência do teatro na comunidade.

O presidente do grupo de Silves referiu-se às origens do grupo, dizendo que tudo começou pela iniciativa de um grupo de mulheres, algo inédito no contexto em que surgiu, simbolicamente com a peça *A Casa de Bernarda Alba* de F. García Lorca. Este novo grupo acabou assim por assumir, como uma verdadeira missão, a dinamização da antiga colectividade: “Dez anos depois dos primeiros ensaios já há mulheres a beber no café do bar da colectividade, sem que tal seja objecto de estranheza. E, no ano passado, a direcção era mesmo composta exclusivamente por mulheres. A estas mulheres actrizes juntaram-se depois homens e jovens que habitualmente não frequentavam este meio.”

O terreno que este grupo foi progressivamente conquistando no campo da cultura e do entretenimento contribuiu para uma mudança efectiva de mentalidade popular em relação à posição da mulher, acelerando o

desenvolvimento sócio-educativo da comunidade, estimulando a reestruturação dos processos interactivos culturais e, noutra dimensão, promovendo as relações institucionais das próprias estruturas locais<sup>9</sup>.

Além disso, as crescentes exigências do grupo a nível cénico levaram a que se formasse, ao longo dos anos, um outro grupo paralelo, de forma a servir as diversas necessidades criadas pelo renovado investimento: “(...) professores, pintores, estudantes e gente de variadas profissões que colaboram de diferentes maneiras na encenação, na construção de cenários, na pesquisa do guarda-roupa, na divulgação do grupo.” Com efeito, conforme refere A. Fernandes (1991: 7) no seu projecto de *Teatro na Serra Algarvia*, a criação de grupo de teatro numa zona serrana tem vários efeitos na comunidade, promove o “desenvolvimento económico pelos recursos humanos, físicos e materiais e apoios oficiais que a montagem do espectáculo necessariamente mobiliza no local.”

Segundo o representante do grupo, os espectáculos já contaram com um largo número de espectadores, tendo muitos deles assistido pela primeira vez a uma peça de teatro. Revela ainda que uma das preocupações dos encenadores aquando da preparação dos projectos é seleccionar textos para o público que esperam encontrar. Este dado é muito importante, pois é uma forma de criar o gosto de ir ao teatro numa comunidade de província, sendo a compreensão o ponto de partida para motivar e educar o espectador.

Além deste, contamos ainda com outro exemplo semelhante na aldeia serrana de Cachopo (concelho de Tavira), na qual teve lugar um projecto de desenvolvimento local através de animação teatral em 1990<sup>10</sup>. De acordo com o relatório do projecto (1991: 16), o momento das inscrições foi marcado pela adesão maioritária de mulheres: “Assim formou-se um grupo infantil (dos 9 aos 14 anos) com 32 crianças e um grupo adulto (dos 15 anos em diante) com 8 elementos que, curiosamente, era constituído por 7 elementos do sexo feminino e 1 do sexo masculino.”

---

<sup>9</sup> Cf. A. Fernandes e L. Duarte 1991: 7.

<sup>10</sup> Este projecto, promovido pela RADIAL (Rede de Apoio ao Desenvolvimento Integrado no Algarve), é financiado pela Fundação Holandesa Bernard Van Leer e desenvolveu-se a partir da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Faro desde 1985 (A. Fernandes e L. Duarte 1991: 1). Não foi pioneiro, pois duas tentativas saíram goradas “por falta de (in)formação técnica e artística”, segundo os autores.

Em relação ao grupo de Portimão situa-se mais na linha da *Revista*, apresentando uma forte vertente crítica com a dupla função de animar e de consciencializar para os problemas nacionais: “(...) porque sabem que não estamos a inventar nada, que são situações reais e acabam por tentar resolvê-las e melhorá-las.”

A título de exemplo, o presidente descreve, numa das suas entrevistas, um episódio curioso: quando passava na zona ribeirinha de Portimão, reparou que uma empresa que prestava serviços à autarquia aí guardava camiões do lixo. Dada a irregularidade da situação, o actor decidiu mencionar e criticar o que tinha visto no dia anterior, e qual não foi o espanto quando no dia seguinte os camiões tinham sido retirados da zona.

À semelhança do que sucedeu no grupo *Penedo Grande* de Silves, também a respeitabilidade da mulher actriz sofreu uma evolução considerável, pois só há dez anos é que o grupo *Boa Esperança* passou a contar com o elemento feminino no elenco de actores: “Estranhei um pouco estar em palco com mulheres, mas a vontade e o gosto de se fazer bem são iguais e só tive de me adaptar à nova realidade. No entanto, penso que tinha mais piada quando eram os homens a interpretar as personagens (... )” (D. Pina 2007: 40).

Assim, a influência do grupo na sociedade acaba por ter efeitos performativos na população e na consciencialização para questões sociais, constituindo-se como agente de transformação do meio. Na verdade, um dos factores que pode justificar a longevidade destes grupos é o facto de cada um deles ter construído um estilo, criando expectativa no público e contribuindo assim para a sua fidelização. À semelhança do Grupo *Boa Esperança*, também o Grupo Amador de Quarteira partilha do gosto pelo teatro de revista e apresenta um certo ecletismo temático.

No fundo, a chave do sucesso consiste em continuar a oferecer ao público *mais do mesmo*, na medida em que o público assim espera, apresentando, contudo, uma mensagem *política* sempre diversa: “Por muito que um autarca queira fazer bem, há sempre aspectos com que a população discorda e nós, que andamos cá no dia-a-dia, sabemos bem daquilo que ela não gosta.” (D. Pina 2007: 41).

Além disso, as verbas conseguidas através do espectáculo servem não só para o sustento do grupo, como também para o desenvolvimento do projecto cultural iniciado pelo director da associação, de onde advém a crescente necessidade de fidelizar público.

Sempre que este grupo *Boa Esperança* actua fora de Quarteira, os encenadores fazem uma recolha dos nomes das figuras mais emblemáticas de cada região e adaptam os textos, com a intenção de contextualizar a peça em cada lugar, tornando-a sempre inevitavelmente actual e pertinente.

Tendo em conta esta análise, verificamos que existe um nítido desequilíbrio entre o empenho demonstrado pelos grupos e o apoio prestado pelas autarquias locais. À excepção de Silves, todos os grupos demonstraram desagrado em relação ao apoio das respectivas Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia, manifestando dificuldades em adquirir material técnico.

De facto, não é por acaso que o único grupo com sala própria e que tem conseguido maior projecção regional e nacional, o *Boa Esperança* de Portimão, se tenha sustentado através de receitas próprias que foi criando, não sendo o teatro a sua fonte única de rendimento. Além disso, dados oficiais confirmam este facto, pois segundo a listagem dos apoios concedidos pela Direcção Regional de Cultura do Algarve a Instituições sem fins lucrativos durante o ano de 2007, o *Boa Esperança Atlético Clube Portimonense* recebeu apenas um subsídio de 500 euros<sup>11</sup>.

A verdade é que, para investir em políticas culturais, é necessário *preparar* a região com “uma incorporação durável de um conjunto de disposições intelectuais e estéticas”<sup>12</sup>, de modo a educar o público para que este possa *receber* o espectáculo, conforme refere J. M. Pinto (1994: 773): “a expansão da procura efectiva de bens culturais, na convicção de que o contacto mais ou menos regular com as obras, inclusive com os exemplares mais raros e sacralizados da cultura erudita, nunca deixa o receptor indiferente e contribui, a prazo, para o fomento de algumas disposições estético-cognitivas duráveis”.

Contudo, se cabe às associações e aos grupos a função de dinamizar, também é esperado que os responsáveis autárquicos se encarreguem de facultar equipamentos culturais acessíveis, como auditórios e salas de

---

<sup>11</sup> Vide o item “Programa de Apoio” no site oficial da Direcção Regional de Cultura do Algarve. [http://www.cultalg.pt/Prog\\_Apoio](http://www.cultalg.pt/Prog_Apoio) (*Diário da República*, 2ª série-Nº 41-27 de Janeiro de 2008). Aí se comprova que mais quatro associações exclusivamente ligadas ao teatro recebem financiamento, desde dois mil até oito mil euros, sendo a maior fatia atribuída ao *Teatro da Estrada – Associação Cultural de Alte* (Loulé), criado em 1998.

<sup>12</sup> Cf. J. M. Pinto 1994: 771.

espectáculos, e que desenvolvam uma política persistente de atracção dos públicos.

Conforme nota Carlos J. Mendonça (2001:135) no seu estudo sobre os *Públicos do Algarve*, “a nível de teatro, os principais interlocutores das autarquias são, por um lado, os grupos de teatro amadores e escolares locais e, por outro, a *Companhia de Teatro do Algarve* (ACTA), única companhia profissional sediada na região.”<sup>13</sup>

No que respeita ao alargamento de públicos, podem ser aplicadas algumas opções estratégicas, começando, por exemplo, por um contacto precoce com as artes ou a dessacralização dos lugares de representação e, finalmente, por sustentação de uma oferta regular e diversificada. Estes são alguns caminhos possíveis para uma política de democratização cultural mais estável e duradoura.

Como pudemos verificar através dos dados estatísticos expostos (quadros 1 e 2), a região Algarvia é aquela que regista menos investimento em actividades culturais e que, no âmbito da actividade teatral amadora e profissional, apresenta menos dinamismo. Quando focamos a divisão do Algarve em duas zonas, Barlavento e Sotavento, notamos claras diferenças do ponto de vista distributivo: enquanto que, no Sotavento, os grupos estão apenas concentrados nos municípios de Faro e Loulé, já no Barlavento os grupos estão distribuídos por diversos concelhos: Albufeira, Portimão, Lagoa e Silves.

Contudo, as assimetrias são mais evidentes a nível intra-regional, pois as cidades com actividade teatral amadora ou profissional situam-se no litoral, sendo a única excepção o município de Silves, o que constitui mais um factor que acentua a desigualdade crónica entre serra e litoral, consequência dos fenómenos de desruralização e litoralização.

No início da década de sessenta, E. Campos e Coroa (1964: 59), depois de expor uma visão retrospectiva da actividade de 119 anos (1845-1964) do Grupo de Teatro do *Círculo Cultural do Algarve*<sup>14</sup>, conclui a sua exposição

---

<sup>13</sup> A informação está, neste momento, já desactualizada. O grupo *Al-Masrah* é um exemplo de companhia profissional de teatro sediada em Tavira.

<sup>14</sup> Fundado no ano de 1958 em Faro, este grupo de Teatro Amador conta com um copioso repertório de obras-primas do teatro português clássico e coevo, bem como europeu. Eis alguns exemplos: *A Trilogia das Barcas* (1961) de Gil Vicente, *O Crime da Aldeia Velha* (1960) de Bernardo Santareno e *Ratos e Homens* (1960) de John Steinbeck.

com um apelo à sensibilidade dos órgãos locais: “São bem árduos, juncados de espinhos de incompreensão e indiferença, semeados de dolorosas ingratidões e injustiças, os caminhos do teatro amador sobre o qual nos parece continuarem a pesar, injustificadamente, dificuldades de ordem vária (...)”.

Apesar de os grupos de teatro amador não abundarem, os poucos que existiam procuravam “desempenhar a sua tarefa cultural bastando para os encorajar que instâncias oficiais ou para-oficiais se capacitem da sua real valia (...)”, na altura as Direcções das Colectividades de Cultura e Recreio.

As conclusões que aqui expusemos são fundamentadas nos dados fornecidos pelos responsáveis autárquicos e pelos grupos de teatro amador, complementadas ainda pelos dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística e pontualmente iluminadas pelas informações de que dispomos sobre o tema.

Contudo, a precariedade quantitativa do universo de amostra e a ausência de trabalho de campo, onde se poderiam concretizar entrevistas com presidentes e vereadores das Câmaras, terá, certamente, condicionado a qualidade das nossas conclusões, que se encontram mais no campo hipotético, correspondendo a pontos de partida em vez de constituírem verdadeiros pontos de chegada.

### **Referências bibliográficas**

- Alves, A. (2007), “Revista Portuguesa vai chegar à televisão”, *Correio da Manhã* de 11.02.07.
- Campos Coroa, E. (1964), *O Teatro Amador em Faro*. Faro.
- Dionísio, M. (2007), “Boa Esperança aposta no futuro e na renovação” in *Jornal Barlavento* de 10.04.2007: 25-26.
- — — — (2007), “Boa Esperança volta a fazer rir à boa moda portimonense” in *Jornal Barlavento* de 1.02.2007: 24-25.
- Fernandes, A. et Duarte, L. (1991), *Teatro na Serra Algarvia*. Faro.
- INE (2007), *Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 2006*. Lisboa.
- Mendonça, C. J. (2001), *Políticas, Práticas Culturais e Públicos de Teatro no Algarve*. Lisboa.
- Monteiro, P. F. (1992), “Públicos de Artes ou Artes Públicas?”, in *Percepção Estética e Públicos de Cultura*. Lisboa.

- Pina, D. (2007), “Boa Esperança nas malhas da justiça”, in *Algarve Mais*157: 36-41
- Pinto, J. M. (1994), “Uma Reflexão sobre Políticas Culturais”, in AAVV, *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Lisboa: 767-790.

**Sítios da Internet**

- Instituto Nacional de Estatística: <http://www.ine.pt>.
- Grupo Cénico *Quatro Ventos*: <http://quatroventos.no.sapo.pt>.
- Delegação Regional de Cultura do Algarve:  
[http://www.culturalg.pt/Prog\\_Apoio/](http://www.culturalg.pt/Prog_Apoio/).

ÁLIA ROSA C. RODRIGUES